

Os grupos terapêuticos de Saúde Mental no Brasil: uma revisão de escopo dos anos 2000 a 2024

Therapeutic Mental Health Groups in Brazil: a scoping review from 2000 to 2024

Los grupos terapéuticos de Salud Mental en Brasil: una revisión de alcance de los años 2000 a 2024

Caio Felipe Silva Gomes¹ ; Aisllan Diego de Assis² 

Resumo: Este artigo apresenta uma revisão de escopo sobre os grupos terapêuticos em saúde mental no Brasil, abrangendo publicações em português e inglês entre 2000 e 2024, buscando compreender o conceito de grupo terapêutico e o seu processo de construção, realização e avaliação, além de tentar elencar um indicador terapêutico consolidado para esses processos grupais em saúde mental. A análise dos artigos foi realizada em duas etapas, culminando em uma matriz de dados que sintetiza mais de 20 anos de publicações sobre o tema. De 54 artigos incluídos, 19 respondem a todas as questões norteadoras definidas no fluxograma de análise, demonstrando que os grupos terapêuticos promovem saúde mental. As datas de publicação, com picos ressonantes aos períodos com ordenação das práticas grupais na Política Nacional da Atenção Básica, demonstram a importância da garantia política de acesso à saúde mental. A fragmentação das publicações em 29 periódicos diferentes, reflete a ausência de uma revista especializada. Os resultados revelam que, apesar do volume de publicações, não foram encontrados indicadores terapêuticos consolidados para as práticas grupais em saúde mental.

Palavras-chave: Processo grupal; saúde mental; revisão de literatura; grupo terapêutico; saúde coletiva

Abstract: This article presents a scoping review on therapeutic groups in mental health in Brazil, covering publications in Portuguese and English between 2000 and 2024, seeking to understand the concept of therapeutic groups and their process of construction, implementation, and evaluation, in addition to attempting to list a consolidated therapeutic indicator for these group processes in mental health. The analysis of the articles was carried out in two stages, culminating in a data matrix that synthesizes more than 20 years of publications on the subject. Of the 54 articles included, 19 answered all the guiding questions defined in the analysis flowchart, demonstrating that therapeutic groups promote mental health. The publication dates, with peaks coinciding with the periods of structuring group practices within the National Primary Care Policy, illustrate the importance of political commitment to ensuring access to mental health. The fragmentation of publications in 29 different periodicals reflects the absence of a specialized journal. The results reveal that, despite the volume of publications, no consolidated therapeutic indicators were found for group practices in mental health.

Keywords: Group process; mental health; literature review; therapeutic group; public health

Resumen: Este artículo presenta una revisión de alcance sobre los grupos terapéuticos en salud mental en Brasil, abarcando publicaciones en portugués e inglés entre 2000 y 2024, buscando comprender el concepto de grupo terapéutico y su proceso de construcción, realización y evaluación, además de intentar enumerar un indicador terapéutico consolidado para estos procesos grupales en salud mental. El análisis de los artículos se realizó en dos etapas, que culminaron en una matriz de datos que sintetiza más de 20 años de publicaciones sobre el tema. De los 54 artículos incluidos, 19 responden a todas las preguntas guía definidas en el flujograma de análisis, lo que demuestra que los grupos terapéuticos promueven la salud mental. Las fechas de publicación con picos resonantes a los períodos de ordenación de las prácticas grupales en la Política Nacional de Atención Básica demuestran la importancia de la garantía política para el acceso a la salud mental. La fragmentación de las publicaciones en 29 revistas distintas refleja la ausencia de una revista especializada. Los resultados revelan que, a pesar del volumen de publicaciones, no se han identificado indicadores terapéuticos consolidados para las prácticas grupales en salud mental.

Palabras clave: Proceso grupal; salud mental; revisión de literatura; grupo terapéutico; salud colectiva

¹Estudante de Medicina pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), bolsista de Iniciação científica (2024-2025). Endereço: Rua Rossini Almeida Guimarães, 369 - Bairro Recanto da Lagoa, Pará de Minas - MG, Brasil, CEP: 35661-095. E-mail: gomes.fs.caio@gmail.com.

²Doutor em Saúde Coletiva, especialista em psiquiatria e saúde mental, professor de Saúde Coletiva da Escola de Medicina da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Endereço: R. Dois - Campus Morro do Cruzeiro, Ouro Preto - MG, CEP: 35400-000. E-mail: aisllanassis@ufop.edu.br.

Recebido em: 07/03/2025 | **Alterado em:** 12/12/2025 e 24/01/2026 | **Aceito em:** 27/01/2026

Introdução

Os grupos constituem um dispositivo central na organização da vida social e na produção de sentidos compartilhados. Na perspectiva da Psicologia Social, os processos grupais permitem compreender como os determinantes sociais incidem sobre os sujeitos e, simultaneamente, como os próprios coletivos podem atuar na manutenção ou transformação dessas determinações. Nesse sentido, todo grupo carrega uma função histórica, seja de reprodução, seja de transformação da realidade social (Lane, 1989).

No campo da saúde coletiva, essa dimensão dos grupos ganha especial relevância ao ser incorporada como estratégia de cuidado. As práticas grupais em saúde mental configuram-se como espaços de encontro entre sujeitos históricos, nos quais a troca de experiências, a construção coletiva de significados e o reconhecimento mútuo possibilitam processos de cuidado que ultrapassam intervenções exclusivamente individuais. Assis (2023), ao discutir os sentidos da roda, destaca que os grupos operam simultaneamente como dispositivos terapêuticos e como práticas de investigação social, promovendo o cuidado em saúde mental a partir da experiência compartilhada.

Assim, torna-se fundamental compreender como os grupos terapêuticos em saúde mental vêm sendo conceituados, construídos, realizados e avaliados na literatura científica brasileira. As revisões de literatura desempenham papel estratégico nesse processo, ao mapear produções existentes, identificar lacunas, sistematizar conhecimentos e subsidiar o aprimoramento das práticas e das políticas públicas em saúde (Flor et al., 2021).

Estudos de revisão anteriores evidenciam a pluralidade de abordagens grupais e apontam tanto avanços quanto limitações na produção científica sobre o tema (Sangioni et al., 2020; Silva et al., 2020). Contudo, nota-se uma carência de sistematizações teóricas direcionadas especificamente aos parâmetros avaliativos das práticas grupais em saúde mental. Persiste o desafio de consolidar indicadores que viabilizem a mensuração da eficiência, eficácia e efetividade desses dispositivos no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS).

Dessa forma, o objetivo central desta pesquisa foi revisar a literatura nacional, abrangendo publicações em português e inglês produzidas entre os anos de 2000 e 2024, acerca da realização e avaliação dos grupos terapêuticos de saúde mental no Sistema Único de Saúde. As questões que nortearam a revisão foram: analisar o conceito de grupo terapêutico adotado nos trabalhos, bem como seus processos de construção, realização e avaliação; compreender as dificuldades encontradas na manutenção das propostas de cuidado em saúde mental desenvolvidas por esses grupos; e levantar técnicas, métodos e instrumentos utilizados nas práticas grupais em saúde mental, com vistas ao desenvolvimento de um indicador terapêutico.

Método

A revisão de escopo, conforme Cordeiro e Soares (2019), é um método essencial para analisar a extensão e a natureza das produções científicas em uma área, esclarecer conceitos e identificar lacunas na literatura. Além disso, possibilita o mapeamento de teorias e metodologias relevantes, contribuindo para a construção de um referencial teórico sólido. Esse método é especialmente útil em campos onde a produção científica é fragmentada, como as práticas grupais em saúde mental, pois permite sistematizar e disseminar achados que podem influenciar políticas e práticas.

A busca de artigos foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando as bases de dados MEDLINE, LILACS, Index Psicologia - Periódicos e BDENF - Enfermagem; e na SCIELO, utilizando todas as bases de dados disponíveis, que abrangiam: Brasil; Rve; Public Health; Portugal; Bolívia; Colômbia; Costa Rica.

Tanto na pesquisa na BVS (<https://brasil.bvs.br/>) quanto na SCIELO (<https://scielo.org/>), foram utilizados filtros de idioma para português e inglês, assim como para o período de tempo compreendido entre 2000 e 2024. Para a seleção dos termos de busca, foram utilizados Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) combinados utilizando o operador booleano AND.

Os DeCS utilizados foram: processo grupal (e seus termos alternativos: pensamento coletivo; reflexão em grupo; reunião em grupo) e saúde mental. As buscas foram feitas isoladamente em cada plataforma, utilizando todas as combinações possíveis, totalizando 875 artigos encontrados.

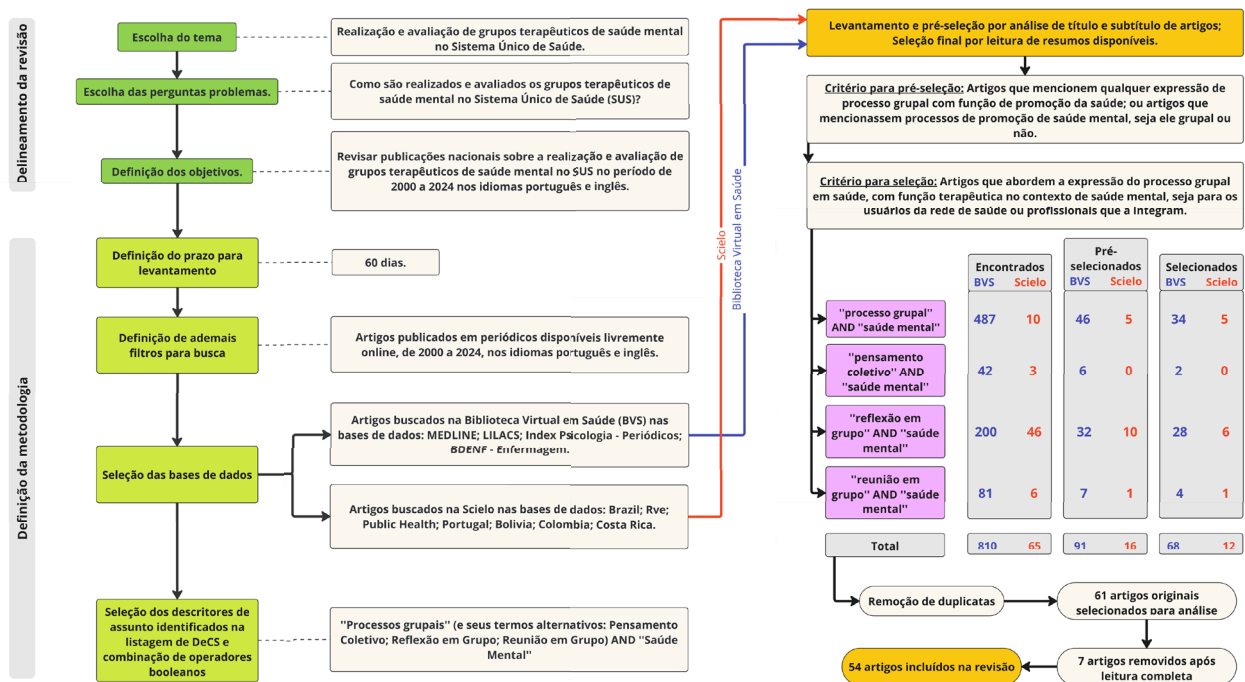


Figura 1. Fluxograma da estruturação e realização do levantamento de artigos.

A pré-seleção de artigos foi realizada analisando-se o título e o subtítulo dos artigos, sendo utilizados como critério de seleção os artigos que mencionaram qualquer expressão de processo grupal com função de promoção da saúde ou que mencionaram processos de promoção da saúde mental, sejam eles grupais ou não.

A abordagem abrangente foi adotada para maximizar a identificação de publicações relevantes sobre o tema, incluindo estudos que, embora não mencionem explicitamente a saúde mental, descrevem práticas grupais com potencial terapêutico nessa área. Dessa forma, busca-se ampliar a compreensão sobre as diversas formas de intervenção grupal em saúde mental, contemplando diferentes enfoques e contextos nos quais essas práticas se inserem.

Após a pré-seleção, 107 artigos foram selecionados para leitura de resumos na íntegra. A seleção final utilizou como critério de inclusão aqueles artigos que abordaram em seu resumo a expressão do processo grupal em saúde, com função terapêutica em saúde mental.

Após essa etapa, chega-se ao total de 80 artigos selecionados para leitura completa, que, com a remoção de duplicatas, totalizaram 61 artigos originais. No entanto, 2 artigos foram removidos por não possuírem texto completo disponível em modalidade online; e 5 artigos foram removidos após leitura completa por não expressarem de nenhuma forma o processo grupal com função terapêutica em saúde mental. Assim, 54 artigos foram incluídos nesta revisão.

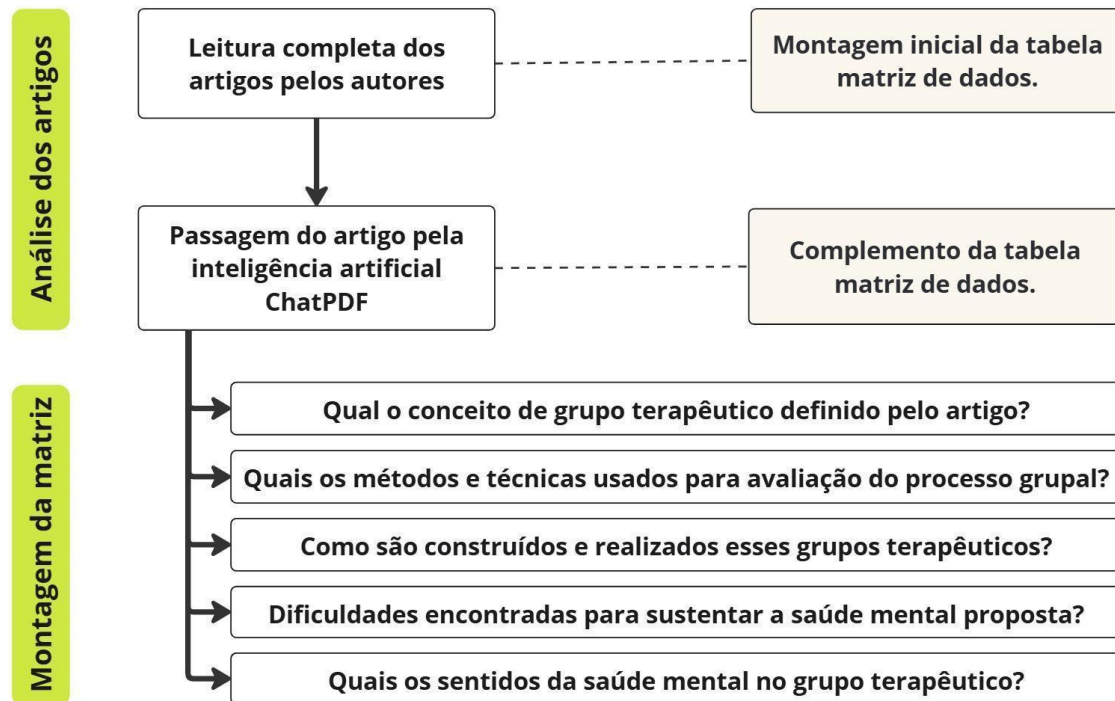


Figura 2. Fluxograma de análise completa dos artigos incluídos.

A análise completa dos artigos foi realizada em duas etapas: a primeira com a leitura completa de todos os artigos pelos autores, estruturando inicialmente uma matriz de dados em formato de tabela, sintetizando 5 perguntas orientadoras demonstradas na Figura 2; a segunda etapa envolveu o processamento dos arquivos na plataforma ChatPDF (2024). Esta ferramenta de Inteligência Artificial foi utilizada como suporte tecnológico para otimizar a extração de informações específicas, cujas respostas foram posteriormente validadas e confrontadas com a leitura integral realizada pelos autores na primeira etapa.. Dessa forma, ao final das duas etapas para síntese da matriz de dados, obteve-se um documento que centralizava todas as informações relevantes para a pesquisa, de todos os artigos incluídos.

A seguir, nos resultados, os achados serão apresentados tanto quantitativamente, por meio de gráficos e tabelas, quanto qualitativamente, com a síntese do estado da arte organizada na matriz de dados. Essa abordagem visa responder às questões norteadoras da revisão, analisando os conceitos de grupo terapêutico, seu processo de construção, realização e avaliação, além de identificar desafios e metodologias utilizadas, contribuindo para o desenvolvimento de um indicador terapêutico em saúde mental no SUS.

Resultados

A Tabela 1 apresenta todos os artigos incluídos nesta revisão, assim como indica quais materiais respondem de forma satisfatória às perguntas da matriz de análise mostrada na Figura 2.

A análise quantitativa circunda 3 aspectos: ano de publicação dos artigos; expressividade do número de artigos em cada revista; e a localização geográfica das revistas em que os trabalhos foram publicados.

A linha de tendência para a quantidade de publicações demonstra uma tendência de aumento no cenário geral de 2000 a 2024. Destaca-se a discrepância no número de publicações a partir de 2008, resultando no primeiro pico de publicações em 2010.

Para compreender a temporalidade, é notória a importância da Política Nacional de Saúde Mental, que, impulsionada pela Lei nº 10.216 (2001) — conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica —, redireciona o

Tabela 1. Artigos incluídos e sua correspondência com as perguntas da matriz de análise

Título do artigo	Perguntas da matriz de dados				
	1	2	3	4	5
Terapia Cognitivo-Comportamental em Grupo: Estratégia de Psicoeducação com Estudantes de Enfermagem					
Relato de experiência: grupo de saúde mental para adolescentes em tempos de pandemia da COVID-19					
Grupo comunitário de saúde mental: um olhar dos discentes de Psicologia					
Alcances terapêuticos e matriciais: uma experiência de grupo de saúde mental na atenção básica					
ABRACE - Grupo de acolhimento e cuidado dos estudantes da UFOP					
Cenários de restrição e formas de (r) existência no campo da saúde mental: um relato de experiência					
Uso de narrativas para o aprendizado da tecnologia grupal por profissionais de Centros de Atenção Psicossocial					
O uso de objetos e filmagem no tratamento psicanalítico em grupo de crianças autistas					
As Oficinas Terapêuticas e a Lógica do Cuidado Psicossocial: Concepções dos(as) Coordenadores(as)					
Implementação de um ambulatório psicossocial para pessoas expostas a situação de violência em um hospital universitário					
Grupo de mulheres: um lugar de escuta clínica para mulheres em um centro de atenção psicossocial					
Grupo autoestima: experiência de grupo operativo em CAPS					
Reflexões teórico-técnicas sobre processo grupal on-line desenvolvido em contexto pandêmico					
Relato de experiência: Grupo para mulheres com câncer de mama em radioterapia					
Implementação de grupos de acolhimento em um centro de atenção psicossocial álcool e outras drogas.					
ACALENTO: grupo de acolhimento virtual dos profissionais de saúde de Ouro Preto, Minas Gerais.					
Comunidade de Fala (CDF) de Ouro Preto, Minas Gerais: resistência e empoderamento de usuários da Saúde Mental na pandemia.					
Sobrecarga de trabalho e estresse: relato sobre um grupo de apoio à saúde do trabalhador em uma Unidade de Saúde da Família					
Efetividade dos grupos terapêuticos na atenção psicossocial: análise à luz do referencial dos fatores terapêuticos					
A tecnologia grupal no cuidado psicossocial: um diálogo entre pesquisa-ação e educação permanente em saúde					
Possibilidade de transformação do sujeito a partir dos vínculos no grupo psicoterapêutico infantil					
Oficinas grupais para promoção de saúde: experiência com trabalhadoras da atenção primária					

Continua...

Tabela 1. Continuação.

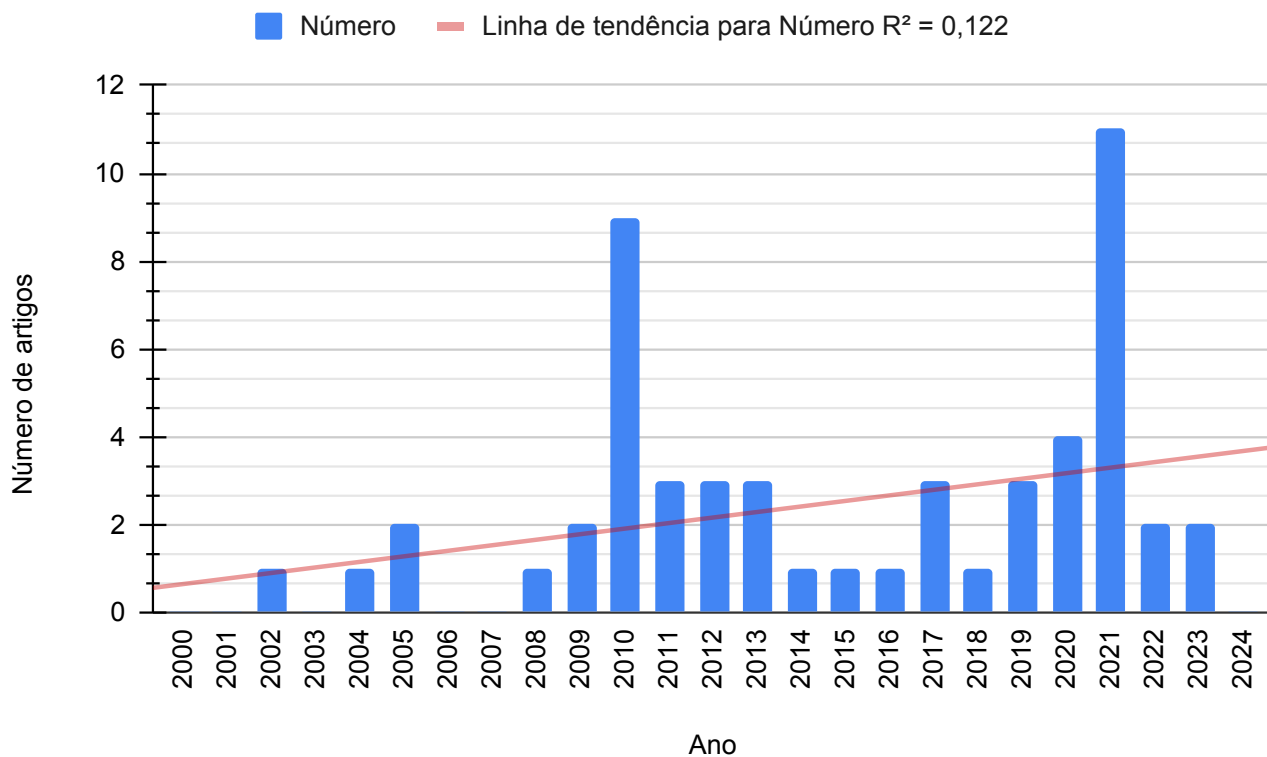
Título do artigo	Perguntas da matriz de dados				
	1	2	3	4	5
Grupo de reflexão em saúde mental relacionada ao trabalho: uma contribuição da psicologia social do trabalho					
A experiência fenomenológica e o trabalho em grupo na saúde mental					
Oficinas com Usuários de Saúde Mental: a Família como Tema de Reflexão					
Aplicação de psicoterapia de grupo em um CAPS III e hospital psiquiátrico: relato de experiência					
Oficinas com trabalhadores em situação de afastamento do trabalho					
Construindo a participação social junto a usuários de um grupo de apoio: desafios para a qualificação da atenção em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)					
Comunicação inconsciente entre singular e plural: grupo de pacientes psiquiátricos					
A Terapia Ocupacional na prática de grupos e oficinas terapêuticas com pacientes de saúde mental					
Autoestima e saúde mental: Relato de experiência de um projeto de extensão					
Aproximações Possíveis da Terapia Focada na Solução aos Contextos Grupais					
Do ponto de interrogação ao ponto de encontro: uma experiência grupal em psicoeducação					
(QUAL) Idade de Vida: Intervenção Psicológica junto a Grupo da Terceira Idade					
Espaço Coletivo de Discussão: A Clínica Psicodinâmica do Trabalho como Ação de Resistência					
Grupos de reflexão no contexto escolar: a vez e a voz dos alunos					
Grupo de psicoeducação no transtorno afetivo bipolar: reflexão sobre o modo asilar e o modo psicossocial					
Grupo de apoio a mulheres mastectomizadas: cuidando das dimensões subjetivas do adoecer					
Grupos de reflexão: um recurso para as transformações do trabalho					
Uma experiência de atendimento psicoterapêutico junguiano em grupo, privilegiando a dimensão corporal, no contexto da saúde pública brasileira					
Grupo de familiares na prática de ensino de graduação em enfermagem					
‘Grupos de conversa’’: saúde da pessoa idosa na estratégia saúde da família					
Tecnologia das relações e o cuidado do outro nas abordagens terapêuticas grupais do centro de atenção psicossocial de Fortaleza-Ceará					
Construção de um Projeto de Cuidado em Saúde Mental na Atenção Básica					
A Confusão de Línguas e os Desafios da Psicanálise de Grupo em Instituição					
Psicanálise de grupo no trabalho social: contribuições à intervenção psicossocial					
Orientação profissional no contexto psiquiátrico: Contribuições e desafios					
Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades					

Continua...

Tabela 1. Continuação.

Título do artigo	Perguntas da matriz de dados				
	1	2	3	4	5
Grupos de Idosos: Atuação da Psicogerontologia no Enfoque Preventivo					
Grupo de Acolhimento em Saúde mental e Reabilitação na Atenção básica: uma reflexão sobre a potência de dispositivos grupais					
Relato de uma experiência de atendimento psicoterápico com grupos de obesos					
Processo grupal: reflexões de uma prática com jovens em saúde mental					
Uma experiência de pronto atendimento em saúde mental coletiva					
Programa de apoio a cuidadores: uma ação terapêutica e preventiva na atenção à saúde dos idosos					

Nota. As células coloridas em verde representam que o artigo da linha correspondente responde de forma adequada à pergunta colocada na Figura 2.

**Figura 3.** Ano de publicação dos artigos.

modelo assistencial em saúde mental para a desinstitucionalização, o cuidado em liberdade e o respeito aos direitos humanos (Amarante & Nunes, 2018).

Assim, a oficialização dos grupos terapêuticos ocorre em ressonância com a evolução dessa Política Nacional, marcada pela constituição dos Centros de Atenção Psicossocial pela Portaria nº 336/2002 e pela definição da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) por meio da Portaria GM/MS nº 3.088/2011. Esta última integra os pontos de atendimento em saúde mental no território (Ministério da Saúde, 2025).

Esse marco temporal está alinhado à Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) de 2006, que pela primeira vez cita diretamente a obrigação dos profissionais de saúde que integram essa rede de “organizar e coordenar grupos” (Brasil, 2006).

Como também a PNAB, publicada em 2017, promulga a atribuição a todos os profissionais de nível superior da atenção básica de realizar trabalhos grupais (Brasil, 2017), o que demonstra a importância da ordenação do trabalho grupal como medida de saúde pública, que fomenta a produção científica, vista em seus dois picos, 2010 e 2021.

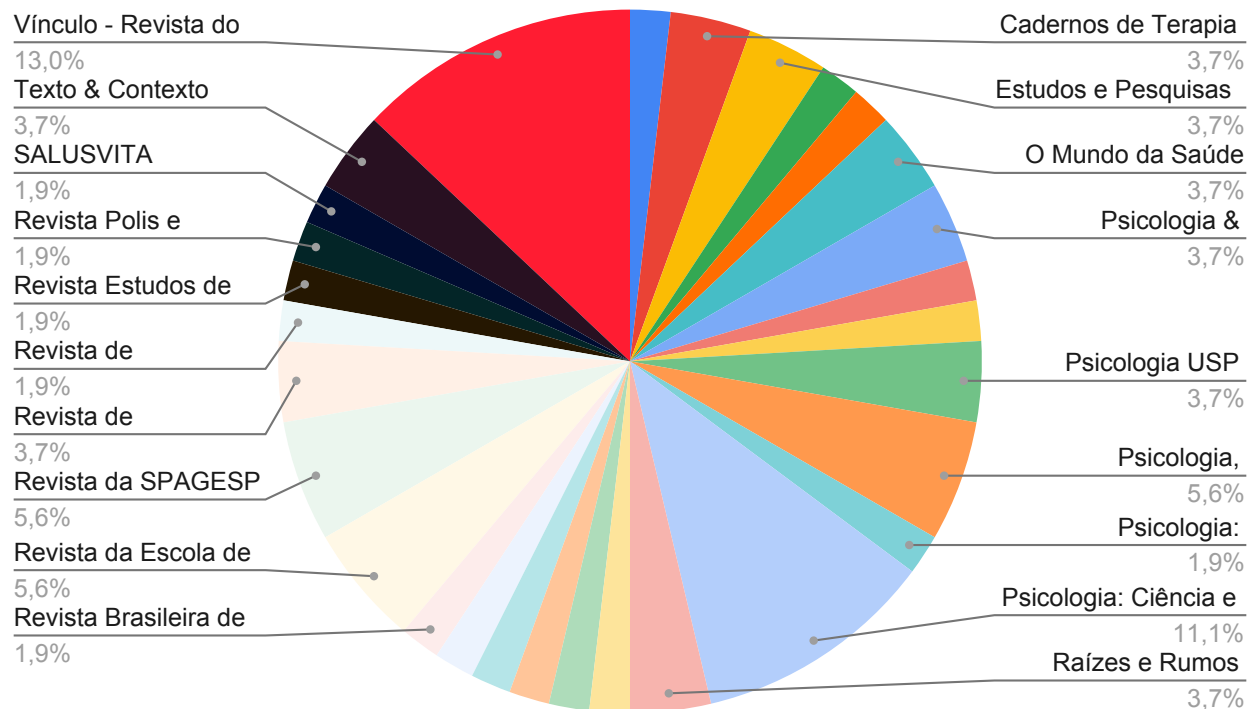


Figura 4. Porcentagem de publicações em revistas.

A análise de periódicos demonstra uma notável fragmentação das publicações, que, com artigos dispersos em 29 revistas diferentes, evidencia a ausência de uma revista especializada em práticas grupais. Destaca-se a “Vínculo - Revista do NESME”, que, com 7 publicações, concentra 13% dos trabalhos encontrados.

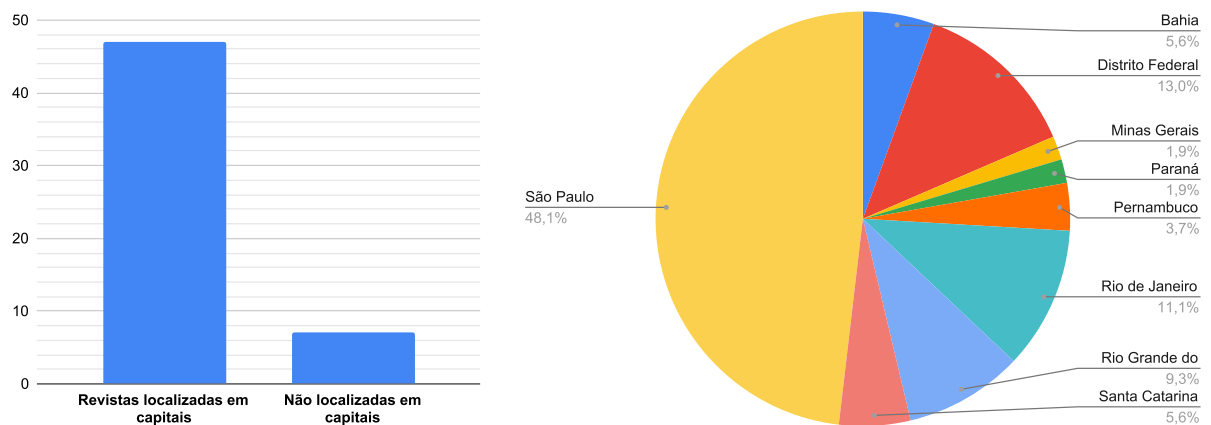


Figura 5. Localização geográfica das revistas científicas.

A localização geográfica é outro ponto de discrepância, pois 87% das revistas estão localizadas em capitais; sendo que quase metade delas estão referenciadas no estado de São Paulo, que detém expressivos 48% de representação, seguido por 13% do Distrito Federal e 11% pelo estado do Rio de Janeiro. Esse indicador expressa a confluência das publicações em grandes centros urbanos, não representando a diversidade territorial de um país com dimensões continentais.

Já a análise qualitativa dos artigos foi realizada pela montagem da matriz de dados detalhada anteriormente na Figura 2. A primeira questão trabalhada busca o conceito de grupo que é definido pelos artigos.

Em um panorama geral, poucas publicações trazem uma definição incisiva e teoricamente referenciada do que de fato seja um grupo. Silva (2021) e Regina et al. (2017) centram o conceito de grupo terapêutico na abordagem pichoniana, espaços dinâmicos de aprendizado e transformação, onde o grupo operativo atua como um microcosmo social para elaborar ansiedades e construir novas interações. Através da troca de experiências e comunicação, os membros atingem o autoconhecimento e superam dificuldades com a ajuda de um terapeuta facilitador. Este os auxilia na compreensão das dinâmicas grupais, promovendo mudanças individuais e coletivas.

Seguindo a definição dos grupos operativos, Dalbello (2010) propõe a utilização de Grupos de Reflexão (GRs) como ferramenta para promover transformações no âmbito profissional. Fundamentados nos princípios de Pichon-Rivière (Pichon-Rivière, 1988), os GRs são estruturados como espaços temporários e participativos, nos quais a atividade grupal é utilizada como recurso para estimular a comunicação, melhorar o clima organizacional e promover o desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes.

Teles et al. (2010) apresentam um modelo de grupo terapêutico baseado na psicanálise de grupo, onde a interação entre os participantes, a transferência e a mediação do terapeuta são elementos-chave para a análise e elaboração do sofrimento psíquico. A formação de grupos heterogêneos, compostos por pacientes com diferentes diagnósticos, é valorizada como um espaço de troca de experiências e de construção de novas significações.

Pereira e Bernardo (2018) propõem um modelo de grupo terapêutico fundamentado na psicologia social do trabalho, com o objetivo de auxiliar trabalhadores da indústria automobilística a lidar com o sofrimento psíquico relacionado às condições laborais. O grupo é concebido como um espaço de reflexão e compartilhamento de experiências, onde os participantes podem, coletivamente, construir significados e estratégias de enfrentamento para as adversidades vivenciadas no trabalho.

A segunda questão analisada centrava-se em buscar os métodos avaliativos empregados nas práticas grupais em saúde mental. Pereira e Bernardo (2018) avaliam o processo grupal por meio de diários de campo, que permitem um registro minucioso das interações e transformações ocorridas durante os encontros. A análise temática dos diários revelou a importância do grupo como espaço de escuta, apoio mútuo e construção de novas perspectivas. Além disso, foram realizados momentos de feedback com os participantes e a equipe técnica, que validaram os resultados da pesquisa e destacaram a necessidade de ampliar as ações de promoção da saúde mental no ambiente de trabalho.

Dalbello (2010) avalia os Grupos de Reflexão com uma abordagem multifacetada, combinando análises ergonômicas do trabalho (AETs) e observação participante. As AETs, realizadas pelos pesquisadores, permitiram identificar as condições de trabalho e as demandas que influenciavam os GRs. Paralelamente, estagiários em terapia ocupacional realizaram observações diretas dos encontros, registrando as dinâmicas grupais e as intervenções realizadas. Denota-se a prevalência, dentre os 54 artigos analisados, do método observacional direto dos analistas sobre os processos grupais, os quais fazem registros e inferências para a avaliação das práticas em saúde mental.

Silveira e Bolela (2022) realizam a avaliação do processo grupal de forma indireta, baseando-se na percepção dos estudantes de Psicologia. Através de um formulário eletrônico, os participantes foram convidados a refletir sobre seus sentimentos, aprendizados e experiências durante os encontros. As questões abordaram aspectos como a participação nos diferentes momentos do grupo, o desenvolvimento de vínculos, a importância de valorizar as experiências e a ocorrência de fatos marcantes.

A análise indireta, que se baseia na percepção dos analistas, sem a utilização de uma base metodológica consolidada, é relatada em grande parte dos artigos encontrados na revisão. Verifica-se, portanto, que as práticas são avaliadas de forma contínua, porém carecem de instrumentos validados e de um embasamento teórico-metodológico que sustente a análise de sua eficácia.

Maria (2010) se baseou em uma análise qualitativa comparativa das transformações psicossociais observadas nos participantes ao longo de um ano de acompanhamento. A comparação entre três grupos de psicoterapia revelou padrões de mudança na imagem corporal, nos sintomas, na reflexão sobre condições socioeconômicas, interações sociais e capacidade laborativa. O psicodiagnóstico individual prévio serviu de base para a análise das transformações, permitindo identificar as contribuições específicas do processo terapêutico. Além disso, essa avaliação auxiliou na formação dos grupos terapêuticos, considerando a heterogeneidade e complementaridade dos participantes.

A terceira questão analisada, sobre a construção e a realização de grupos terapêuticos, revela uma diversidade de abordagens e metodologias entre os autores, refletindo a complexidade e a natureza multifacetada do trabalho em saúde mental. Embora haja alguns princípios comuns, como a importância da participação ativa dos membros e a promoção de um ambiente seguro para a expressão de experiências (Cardoso, 2009), as estratégias específicas variam amplamente.

Assis et al. (2020) trazem com o grupo terapêutico ACALENTO, um espaço virtual de acolhimento e apoio psicológico direcionado a profissionais de saúde da linha de frente no combate à COVID-19 em Ouro Preto, Minas Gerais, concebido com base nos princípios de humanização das práticas de saúde e do Sistema Único de Saúde (SUS). A estrutura do grupo, composta por um coordenador, um relator e um apoiador, proporciona um ambiente seguro e confidencial para que os profissionais possam compartilhar suas experiências, sentimentos e desafios relacionados ao trabalho durante a pandemia.

Esse trabalho se destaca por exemplificar a técnica dos três giros (Assis, 2023): inicialmente, há um momento de acolhimento e apresentação, no qual os participantes são convidados a compartilhar suas experiências e sentimentos, criando um ambiente de confiança e conexão; em seguida, ocorre a parte central da sessão, dedicada à troca de vivências e emoções relacionadas à pandemia da COVID-19, utilizando uma linguagem acessível e empática; por fim, as sessões são encerradas com um momento de acolhimento mútuo através da técnica do “abraço virtual”, reforçando os laços entre os participantes e proporcionando um encerramento acolhedor e significativo.

Ramos e Abdel (2010) destacam que o grupo terapêutico, iniciado em abril de 2008, foi estruturado de forma colaborativa entre a equipe multiprofissional da Estratégia Saúde da Família e os usuários egressos de internações psiquiátricas, visando proporcionar um espaço de acolhimento e apoio mútuo. Com encontros semanais e tempo de 90 minutos, a metodologia adotada, baseada na perspectiva construtivista e no método da roda, priorizou a participação ativa dos membros, fomentando a troca de experiências, a construção de conhecimentos compartilhados, além de atividades complementares, como caminhadas e oficinas, visando à promoção da saúde integral e à integração dos usuários na comunidade.

Nunes et al. (2019) abordam a construção e a realização dos grupos terapêuticos nos CAPS, integradas de forma participativa e reflexiva, com base em princípios da Educação Permanente em Saúde e da pesquisa-ação. Através de discussões e simulação de situações cotidianas, os profissionais identificaram desafios sobre a condução dessas práticas grupais em saúde mental, e elaboraram propostas de intervenção. A utilização de ferramentas como o roteiro de plano de ação 5W2H permitiu o planejamento estratégico e a implementação de ações inovadoras, visando a melhoria contínua das práticas de cuidado em saúde mental e a otimização da utilização da tecnologia grupal.

Em termos de dificuldades para sustentar propostas de intervenção grupal, observam-se barreiras significativas, incluindo a resistência dos participantes na expressão de sentimentos e a carência de diretrizes teóricas sólidas para os profissionais.

Montezor (2013) destaca que a escassez de literatura brasileira específica sobre o tema limita a disponibilidade de diretrizes e melhores práticas para a implementação eficaz dessas intervenções. A falta de

estudos e pesquisas aprofundadas sobre a eficácia dos grupos terapêuticos dificulta a avaliação dos resultados e o aprimoramento contínuo das práticas terapêuticas. Além disso, a condução dos grupos exige planejamento, e habilidades específicas dos terapeutas ocupacionais, representando um desafio. Também dialoga sobre a adesão e participação ativa dos pacientes, que podem variar de acordo com fatores individuais, e a baixa adesão pode impactar negativamente os resultados terapêuticos.

Martins et al. (2010) destacam a importância da autonomia do usuário e a resistência dos profissionais de saúde em promovê-la. Os autores também dialogam sobre o risco de banalização da ocorrência dos grupos terapêuticos, enfatizando a importância de evitar a rotina dos serviços e garantir que o significado e a importância dos grupos sejam valorizados por todos os envolvidos, englobando em seu texto a necessidade de reconhecimento das limitações do grupo terapêutico, isso é, evitar a ideia de que o grupo tem soluções para todos os problemas, destacando a transparência sobre as capacidades e limitações das práticas desenvolvidas.

Coelho et al. (2017) apontam a dificuldade em expressar emoções, aliada às marcas de experiências traumáticas pregressas, incluindo episódios de reclusão e violência, como elementos que limitam a participação ativa dos indivíduos no grupo. Também destacam que a superação de modelos clínicos tradicionais e a consideração das condições socioeconômicas e culturais dos participantes demandam uma reflexão contínua sobre as práticas terapêuticas.

Araújo e Sá (2021) destacam que mudanças frequentes na equipe, incluindo cargos de coordenação, fragilizaram os vínculos grupais e comprometeram a coesão necessária para uma avaliação consistente do processo grupal. Relatam que a emergência de conflitos internos devido à divergência entre os profissionais mais antigos, que seguiam referências simbólicas e valores enraizados, e os novos membros, que não compartilhavam essas mesmas referências, interferiu nas dinâmicas e na compreensão do grupo.

A respeito dos sentidos da saúde mental nos grupos terapêuticos, a matriz de dados dos artigos revela um panorama positivo quanto aos benefícios dos processos grupais na saúde mental. Existindo consenso sobre alguns impactos fundamentais, como o fortalecimento de vínculos sociais, a promoção da saúde mental e a criação de um espaço seguro para a expressão emocional.

Cangussu e Guedes (2022) indicam que os grupos terapêuticos de saúde mental promovem o fortalecimento de vínculos entre os participantes em um ambiente de escuta, confiança e apoio mútuo. Essa prática também contribui diretamente para a promoção da saúde mental, ao permitir a expressão emocional, o compartilhamento de experiências e a construção conjunta de estratégias de enfrentamento.

Além disso, o grupo estimula a corresponsabilização pelo cuidado, encorajando os participantes a assumirem protagonismo e autonomia em seu processo terapêutico, sendo a experiência grupal frequentemente transformadora, beneficiando tanto os usuários quanto os profissionais envolvidos, o que se reflete na qualidade e nas percepções sobre o cuidado em saúde mental. Eles também apontam que, dentro da Atenção Básica, os grupos terapêuticos ampliam as alternativas de cuidado, oferecendo um espaço de acolhimento e cuidado diferenciado.

Pereira e Bernardo (2018) dialogam sobre como os efeitos positivos dos grupos terapêuticos incluem o desenvolvimento de reflexões críticas sobre questões como as condições de trabalho sob o capitalismo, a responsabilização pelo adoecimento e a importância da união entre trabalhadores, o que eleva a consciência sobre os efeitos do trabalho na saúde mental. Além disso, os participantes relataram redução da culpa e fortalecimento emocional, que facilitaram a ressignificação de sentimentos negativos.

A prática grupal também promoveu a união e solidariedade, fortalecendo laços e incentivando a cooperação e o enfrentamento coletivo dos desafios laborais. Essa dinâmica ativou nos trabalhadores o desejo de transformações no ambiente de trabalho e aprimorou a autoestima e a autoconfiança, potencializando seu empoderamento e sua motivação para buscar mudanças positivas.

Silva et al. (2021) indicam impactos positivos significativos encontrados de forma global nos trabalhos, incluindo o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, o que proporciona um ambiente de apoio e acolhimento que contribui para o bem-estar emocional dos participantes, e a formação de espaços seguros de escuta, onde é possível elaborar e ressignificar experiências de violência, facilitando a superação de traumas.

A grande relevância de seu trabalho nasce de sua abordagem, que também promove o apoio matricial e o seguimento conjunto dos casos, permitindo um cuidado mais integrado entre diferentes profissionais e serviços. A integração entre Saúde, Assistência Social e o Hospital Universitário da Unicamp fortalece a regulação do cuidado e possibilita uma abordagem colaborativa e intersetorial.

Dentre os 54 artigos contemplados na revisão, 19 responderam de forma satisfatória às 5 perguntas norteadoras descritas na Figura 2. Assis (2021) destaca-se ao descrever um grupo terapêutico aberto, na modalidade de grupo de acolhimento, para acompanhamento de estudantes universitários em sofrimento psíquico. O grupo realiza sessões semanais utilizando técnicas que estimulam o vínculo, a autoajuda e a expressão emocional, sendo coordenado por profissionais de saúde, com o apoio de estudantes bolsistas. Descreve técnicas bem definidas para abertura, desenvolvimento, e encerramento das atividades.

Como método avaliativo, são utilizados registros de presença, relatórios de sessão e reuniões de supervisão clínico-institucional. O sentido da saúde mental é tão expressivo que o grupo recebe o reconhecimento como referência em saúde mental estudantil, adaptando-se às necessidades da comunidade acadêmica, inclusive com a criação do “ABRACE Em casa - Grupo de acolhimento virtual da UFOP” durante a pandemia.

Outro artigo de destaque é descrito por Basso (2019), que apresenta um modelo de grupo psicoterapêutico infantil para a sua abordagem. O grupo era composto por sete crianças de 4 a 6 anos e seus cuidadores, ocorrendo semanalmente ao longo de um semestre. As sessões abordaram temas como controle corporal, agressividade, medos e emoções, utilizando atividades que favoreciam a troca de experiências e o desenvolvimento psíquico dos participantes.

A avaliação do processo era realizada por meio de observações clínicas, supervisões teórico-clínicas e consultas aos prontuários. Os impactos positivos incluíram o favorecimento do desenvolvimento emocional, fortalecimento do ego, promoção de trocas afetuosas e estímulo ao insight, que se destacaram frente às dificuldades de interação encontradas inicialmente.

Outro trabalho potencializador dos sentidos da saúde mental é realizado por Assis (2016), que demonstra a utilização do modelo de grupo psicoeducativo para o tratamento de portadores de esquizofrenia, com foco na educação sobre a doença, tratamentos, convivência e empoderamento dos participantes. A prática conduzida por uma equipe multidisciplinar, envolveu encontros semanais ao longo de um semestre, utilizando livretos com histórias de personagens com esquizofrenia como base para discussões.

A avaliação final, realizada após 13 encontros, permitiu que os participantes expressassem suas percepções sobre os aprendizados adquiridos e o impacto da experiência em suas vidas, destacando tanto os benefícios quanto as dificuldades enfrentadas, como a desistência de alguns participantes e as dificuldades individuais no processo. Apesar desses desafios, o grupo promoveu um maior sentido de pertencimento, reflexão sobre a recuperação e a possibilidade de reconstrução de projetos de vida, resultando em uma experiência transformadora que foi além do tratamento dos sintomas da doença.

Conclusão

Este estudo indica que os grupos terapêuticos em saúde mental são amplamente reconhecidos, na literatura brasileira, como dispositivos potentes de cuidado e promoção da saúde mental. No entanto, essa potência é majoritariamente descrita a partir de percepções qualitativas dos próprios coordenadores e participantes, evidenciando limites importantes na sistematização e na avaliação da efetividade dessas práticas.

Destaca, também, a importância dos processos grupais para a compreensão dos determinantes sociais que influenciam a saúde mental, demonstrando o papel ativo dos grupos como agentes de transformação ou manutenção social.

A distribuição temporal dos artigos apresentou picos notáveis em dois períodos: entre 2008 e 2013 e entre 2019 e 2023, demonstrando a importância da PNAB e da Política Nacional de Saúde Mental para o desenvolvimento do tema nesses intervalos.

A fragmentação das publicações entre 29 revistas diferentes reflete a ausência de uma revista especializada de excelência a respeito dos processos grupais no Brasil. Em destaque, está a revista “Vínculo - Revista do NESME”, com 13% das publicações, que se apresenta como um canal expressivo para discussões sobre o tema.

A localização geográfica das publicações também evidenciou uma disparidade considerável. Com 87% das revistas sediadas em capitais e uma forte concentração no estado de São Paulo (48%), seguida pelo Distrito Federal (13%) e pelo Rio de Janeiro (11%), fica clara a centralização da produção acadêmica nas regiões mais urbanizadas. Esses resultados reforçam a necessidade de expandir a visibilidade e o desenvolvimento de pesquisas sobre práticas grupais em regiões menos representadas.

A análise qualitativa revelou que, apesar da diversidade de abordagens, a definição de grupo terapêutico ainda carece de uma base teórica mais consolidada. Observa-se que muitos estudos não apresentam uma conceituação clara do que consideram grupo terapêutico, o que dificulta a padronização e comparação entre diferentes propostas.

Por outro lado, algumas modalidades são bem descritas na literatura, como a abordagem pichoniana, que enfatiza a dinâmica grupal como processos dinâmicos de aprendizado e transformação; os Grupos de Reflexão (GRs), voltados a promover o desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes; a psicanálise de grupo, que trabalha os processos transferenciais no coletivo; e a psicologia social do trabalho, que analisa os impactos das relações laborais na saúde mental. Essas abordagens demonstram diferentes formas de estruturação e de aplicação dos grupos terapêuticos, contribuindo para um entendimento mais amplo de sua efetividade e limitações.

A respeito dos métodos e técnicas usados para avaliação do processo grupal, destacam-se os diários de campo, os momentos de feedback com os integrantes, a observação participante, e o acompanhamento longitudinal iniciado após a definição de um psicodiagnóstico individual.

Embora muitos autores reconheçam a importância da avaliação para compreender os impactos e a eficácia das intervenções grupais, as dificuldades enfrentadas na avaliação, como a subjetividade das experiências e a complexidade das dinâmicas grupais, são frequentemente citadas, indicando que, embora haja um reconhecimento geral da necessidade de avaliação, as estratégias e os desafios associados a ela podem diferir amplamente entre os estudos.

Essa variedade reflete a ausência de um indicador terapêutico consolidado na base teórica brasileira para avaliação dos processos grupais no campo da saúde mental.

A realização e manutenção de grupos terapêuticos são demonstradas em princípios comuns, como a importância da participação ativa dos membros e a promoção de um ambiente seguro para a expressão de experiências; no entanto, as estratégias específicas para alcançar esses objetivos variam amplamente.

O método dos três giros para construção de um espaço virtual que oferece apoio psicológico a profissionais de saúde durante a pandemia, enfatizando a humanização das práticas de saúde e o uso de uma linguagem acolhedora, é bem descrito metodologicamente, garantindo reprodutibilidade.

A importância da construção colaborativa entre a equipe multiprofissional e os usuários de interações psiquiátricas, utilizando a metodologia da roda para promover a troca de experiências e fortalecer vínculos, sustenta o diálogo entre a base teórica consolidada e a aplicação prática funcional. Destacam-se também metodologias que preconizam a integração participativa nos CAPS, utilizando a pesquisa-ação como ferramenta social de pesquisa e potencializadora das práticas grupais comunitárias.

A análise dos desafios dos grupos terapêuticos para dar continuidade e sustentação às práticas de cuidado em saúde mental revela fragilidades estruturais e conceituais que afetam sua efetividade. A escassez de literatura brasileira específica e a falta de estudos aprofundados dificultam a sistematização de diretrizes e a avaliação dos resultados dessas práticas.

Além disso, a participação ativa dos pacientes, essencial para o sucesso terapêutico, é frequentemente comprometida por dificuldades na expressão emocional, influenciadas por experiências traumáticas e contextos socio-culturais adversos. Soma-se a isso o risco de banalização dos grupos terapêuticos, quando sua condução se torna meramente protocolar, esvaziando seu potencial transformador.

A escassez de informações sobre a formação dos profissionais que conduzem grupos terapêuticos é um aspecto relevante desta revisão. Dada a complexidade dos processos grupais e sua centralidade no cuidado em saúde mental, a ausência de formação específica pode contribuir para a fragilidade conceitual e metodológica observada nas práticas descritas. Tal cenário reflete uma realidade amplamente reconhecida na saúde coletiva brasileira, na qual profissionais realizam intervenções grupais como parte de suas atribuições institucionais, muitas vezes sem suporte formativo adequado para essa função.

Os sentidos da saúde mental encontrados nesses grupos terapêuticos fortalecem vínculos sociais, promovem a saúde mental e estimulam a corresponsabilização pelo cuidado, incentivando a autonomia dos participantes. Também favorecem reflexões críticas sobre fatores que influenciam o adoecimento psíquico, ampliando a consciência e o engajamento. O empoderamento gerado nesses espaços fortalece a autoestima e a motivação para mudanças. Por fim, o apoio matricial contribui para um cuidado mais integrado e intersetorial, garantindo suporte contínuo e qualificado.

Essa revisão apresenta como limitação a intencionalidade inicial de incluir capítulos de livros em seu levantamento teórico; no entanto, não foram encontrados resultados na plataforma CAPES utilizando as combinações de DeCS com os filtros temporais. Para trabalhos futuros, foram encontradas durante o levantamento teórico monografias e teses pertinentes ao tema central desta pesquisa, mas que não foram incluídas por não comporem a modalidade escolhida no delineamento inicial dessa revisão.

Embora nenhum indicador terapêutico consolidado tenha sido identificado, os estudos analisados demonstram avanços importantes no entendimento das práticas grupais e na valorização do processo terapêutico coletivo. Diante desse panorama, a continuidade desta pesquisa se volta para a construção de um indicador terapêutico que possa qualificar a avaliação dos grupos terapêuticos, fortalecendo ainda mais sua relevância no campo da saúde mental.

Referências

- Amarante, P., & Nunes, M. O. (2018). A reforma psiquiátrica no Brasil: histórico, atualidade e perspectivas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(spe), 11-22.
- Assis, A. (2023). “Os sentidos da roda”: Práticas grupais na investigação qualitativa em saúde. *New Trends in Qualitative Research*, 18, e842.
- Assis, A. D., et al. (2020). Acalento: Grupo de acolhimento virtual dos profissionais de saúde de Ouro Preto, Minas Gerais. *Raízes e Rumos*, 8(1), 202–212.
- Assis, A. D., et al. (2021). ABRACE: Grupo de acolhimento e cuidado dos estudantes da UFOP. *Além dos Muros da Universidade*, 6(1), 44–54.
- Assis, J. (2016). Do ponto de interrogação ao ponto de encontro: Uma experiência grupal em psicoeducação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 21(42), 107–123.
- Araújo, J. B., & Sá, M. C. (2021). Cenários de restrição e formas de (r)existência no campo da saúde mental: Um relato de experiência. *Revista Psicologia Diversidade e Saúde*, 10(1), 141–157.
- Basso, L., et al. (2019). Possibilidade de transformação do sujeito a partir dos vínculos no grupo psicoterapêutico infantil. *Vínculo*, 16(1), 52–68.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2006). *Política nacional de atenção básica*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2017). Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017: Aprova a política nacional de atenção básica. *Diário Oficial da União*, 185(Seção 1), 62–70.

- Cardoso, C. L. (2009). Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: Uma proposta de atuação clínica em comunidades. *Estudos de Pesquisa Psicológica*, 9(1).
- Cangussu, Y., & Guedes, L. (2022). Alcances terapêuticos e matriciais: Uma experiência de grupo de saúde mental na atenção básica. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 11, e4046.
- ChatPDF. (2024). ChatPDF - Chat with any PDF [Software de Inteligência Artificial]. Disponível em <https://www.chatpdf.com/>
- Coelho, R. S., Veloso, T. M. G., & Barros, S. M. M. de. (2017). Oficinas com usuários de saúde mental: A família como tema de reflexão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 489–499.
- Cordeiro, L., & Soares, C. B. (2019). Revisão de escopo: Potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. *BIS - Boletim do Instituto de Saúde*, 37–43.
- Dalbello, M. de O. (2010). Grupos de reflexão: um recurso para as transformações do trabalho. *O Mundo da Saúde*, 34(2), 252–257.
- Flor, T. de O., et al. (2021). Revisões de literatura como métodos de pesquisa: Aproximações e divergências. In *Anais do VI CONAPESC*. Realize Editora.
- Lane, S. (1989). O processo grupal. In S. T. M. Lane & W. Codo (Orgs.), *Psicologia social: O homem em movimento* (8. ed., cap. 6, pp. 78–98). Editora Brasiliense.
- Martins, L., Germane, A., & Salete, M. (2010). Tecnologia das relações e o cuidado do outro nas abordagens terapêuticas grupais do centro de atenção psicossocial de Fortaleza-Ceará. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 19(1), 147–154.
- Maria, S. (2010). Uma experiência de atendimento psicoterapêutico junguiano em grupo, privilegiando a dimensão corporal, no contexto da saúde pública brasileira. *O Mundo da Saúde*, 34(4), 535–543.
- Ministério da Saúde. (2025). *Rede de Atenção Psicossocial (RAPS)*. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/desmad/raps>
- Montezor, J. B. (2013). A terapia ocupacional na prática de grupos e oficinas terapêuticas com pacientes de saúde mental. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 21(3), 529–536.
- Nunes, F. C., et al. (2019). A tecnologia grupal no cuidado psicossocial: Um diálogo entre pesquisa-ação e educação permanente em saúde. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 28, e20180161.
- Pereira, M., & Bernardo, M. H. (2018). Grupo de reflexão em saúde mental relacionada ao trabalho: Uma contribuição da psicologia social do trabalho. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 43(1).
- Pichon-Rivière, E. (1988). *O processo grupal*. Martins Fontes.
- Ramos, P. F., & Abdel, D. (2010, janeiro). Construção de um projeto de cuidado em saúde mental na atenção básica. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(1), 212–223.
- Regina, M., et al. (2017). Autoestima e saúde mental: Relato de experiência de um projeto de extensão. *Psicologia Argumento*, 31(73).
- Sangioni, L. A., Patias, N. D., & Pfitscher, M. A. (2020). Psicologia e o grupo operativo na atenção básica em saúde. *Rev. SPAGESP*, 21(2), 23–40.
- Silva, A. A., et al. (2021). Implementação de um ambulatório psicossocial para pessoas expostas a situação de violência em um hospital universitário. *Vínculo*, 18(1), 73–91.
- Silva, L., et al. (2020). A prática grupal com jovens na psicologia: Revisão integrativa de literatura. *Psicologia em Revista*, 26(3), 980–999.
- Silveira, L. B., & Bolela, A. (2022). Grupo comunitário de saúde mental: Um olhar dos discentes de psicologia. *Vínculo*, 19(1), 106–119.
- Silva, R. (2021). Grupo autoestima: Experiência de grupo operativo em CAPS. *Vínculo*, 18(3), 507–522.
- Teles, D., Humberto, P., & Rosa, C. M. (2010). A confusão de línguas e os desafios da psicanálise de grupo em instituição. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(3), 504–523.